

A ASSINATURA DE JESUS



A ASSINATURA DE JESUS

*Brennan Manning*

Tradução  
PAULO FURIM



TEXTUS

Editora Textus - São Paulo, SP

A ASSINATURA DE JESUS  
CATEGORIA: ESPIRITUALIDADE

Copyright © 1988, 1992, 1996 por Brennan Manning  
Publicado originalmente por Multnomah Publishers, Inc, Oregon, EUA. Direitos de publicação em português contratado com Gospel Literature International.

*Título original:* The signature of Jesus

*Gerência editorial:* Silvia Justino

*Preparação de texto:* Rodolfo Ortiz

*Revisão:* Equipe MC

*Supervisão de produção:* Lilian Melo

*Capa:* Douglas Lucas

*Crédito da imagem:* Daniel Mogford

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manning, Brennan

A assinatura de Jesus / Brennan Manning; traduzido por Paulo Purim. —  
São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

Título original: The signature of Jesus

Bibliografia.

ISBN 85-7325-411-4

1. Jesus Cristo – Pessoa e missão 2. Vida cristã I. Título.

06-4868

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Seguimento de Jesus: Vida cristã: Cristianismo 248.4

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:  
Associação Religiosa Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79 — CEP 04810-020 — São Paulo — SP — Brasil  
Telefone: (11) 2127-4147 — Home page: [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

A 1ª edição foi publicada em agosto de 2006.

Impresso no Brasil

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

06 07 08 09 10 11 12

## SUMÁRIO

<i>Agradecimento</i>	6
<i>Uma palavrinha de abertura</i>	7
1. De Harã a Canaã	15
2. A assinatura de Jesus	31
3. Poder e sabedoria	45
4. Tolo por Cristo	59
5. O discipulado em nossos dias	75
6. Espiritualidade pascal	97
7. Celebrando a escuridão	115
8. O amor de Jesus	133
9. A disciplina do segredo	151
10. A coragem de arriscar	161
11. Atracando-se com Deus	171
12. Lázaro riu!	189
<i>Uma palavrinha de encerramento</i>	197
<i>Bibliografia</i>	203

*Para Hillery e Ed Moise,  
com gratidão por Biloxi e Galveston,  
N'awlins e Houston, por peixes vermelhos enegrecidos  
e manjar Cajun, mas acima de tudo pela assinatura  
do amor de vocês na minha vida.*

## UMA PALAVRINHA DE ABERTURA

Neste livro entrego meu coração e meu discurso deixando-os serem o que são: grosseiros e afáveis, sem rodeios e compassivos, intactos e magoados, honestos e polêmicos, sacados dos barris de vinho da vida.

A palavra profética convoca incessantemente a igreja de volta à pureza do evangelho e ao escândalo da Cruz. Em suas numerosas cartas, Paulo reforça que seguir a Jesus é tomar a estrada principal até o Calvário. Entulhando as laterais da estrada para o Calvário jazem os esqueletos de nossos egos, os cadáveres de nossas fantasias de controle e os estilhaços de justiça-própria, espiritualidade auto-indulgente e ausência de liberdade.

A maior carência do nosso tempo é por uma igreja que se torne o que a igreja raramente tem sido: o corpo de Cristo com o rosto voltado para o mundo, amando aos outros independentemente de religião ou cultura, derramando-se numa vida de serviço, oferecendo esperança a um mundo aterrorizado e apresentando-se como alternativa genuína ao que se passa hoje. “A igreja digna desse nome é um grupo de pessoas no qual o amor de Deus quebrou o feitiço dos demônios e falsos deuses que estão produzindo neste momento uma fissura no mundo”.<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Ernst KASEMANN, *Jesus means freedom*, p. 77.

Não quero a religião dura e visceral que preferiria que fosse Clint Eastwood, e não Jesus, nosso herói, nem a religião especulativa que tende a aprisionar o evangelho nos salões da erudição; tampouco a barulhenta e indulgente religião que é um apelo grosseiro à emotividade. Anseio por paixão, inteligência e compaixão numa igreja sem ostentação, que acene gentilmente para que o mundo venha e desfrute da paz e da unidade que possuímos devido à presença do Espírito em nosso meio.

A Cruz, a assinatura de Jesus, é a expressão última do amor de Deus pelo mundo. É a igreja do Cristo crucificado e ressurreto apenas aquela que traz sobre si a marca da sua assinatura; apenas quando está voltada para fora de si e percorre com ele o caminho da Cruz. Quando se volta para dentro, em disputas internas e discordâncias teológicas, a igreja perde sua identidade e sua missão.

No despertar do século XXI, o que separa os comprometidos dos não-comprometidos é a profundidade e a qualidade do amor por Jesus. Os superficiais dentre nós constroem celeiros maiores na euforia do evangelho da prosperidade; os avançadinhos seguem a última moda e tentam garantir cantarolando de boca fechada o seu caminho até o céu; os derrotados são perseguidos por fantasmas do passado.

Porém, a minoria vitoriosa, sem deixar-se intimidar pelos padrões culturais da maioria que dita o passo, vive e celebra como se Jesus estivesse próximo — no tempo, no espaço —, sendo testemunha dos nossos motivos, do nosso discurso e do nosso comportamento. Como ele de fato é.

A fidelidade à Palavra nos levará à rota da *mobilidade descendente* — para citar a frase famosa de Henry Nouwen — em meio a um mundo obcecado com a ascensão. Encontraremos-nos não no caminho do poder, mas no caminho da renúncia ao poder; não no caminho do sucesso, mas no caminho do serviço; não no



caminho largo do louvor e da popularidade, mas no caminho estreito do ridículo e da rejeição.

Ser cristão é ser como Cristo. Perder a vida de algum modo a fim de encontrá-la. O cristianismo prega não apenas um Deus crucificado, mas também homens e mulheres crucificados. “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (Gl 6:14). Não há discipulado sem Cruz. Não sou seguidor de Jesus se vivo com ele em Belém e Nazaré e não no Getsêmani e no Calvário.

Você é chamado a uma vida de discipulado radical? À pobreza de Madre Teresa? À oração dos pais do deserto? Ao martírio de Dietrich Bonhoeffer? Ao estilo de vida celibatário de Jesus e de Paulo? A uma carreira profética? Ao ministério de tempo integral em favor dos pobres e oprimidos? Serei eu chamado a essas coisas?

Enquanto pondera sobre essas questões e lê este livro, tanto honestidade quanto discernimento serão requeridos de você. Nem todo o mundo é chamado, como o jovem rico, a uma renúncia radical de literalmente tudo (v. Mc 10:17-30).

Jesus nunca disse a Lázaro e suas irmãs, Marta e Maria, que abrissem mão de tudo o que possuíam. Ele não anunciou a Nicodemos e José de Arimatéia que estavam excluídos do reino. O rico Zaqueu proclamou: “Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens” (Lc 19:8) — não tudo, apenas a metade. E ainda assim Jesus disse a ele: “Hoje, houve salvação nesta casa” (v. 9). A reação de Zaqueu já basta para herdar-se o reino. Isso espelha João Batista replicando às multidões: “Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem”.<sup>2</sup>

Lucas 3:11

<sup>2</sup>Walter J. BURGHARDT, *Still proclaiming your wonders*, p. 136.

Há diversos níveis de discipulado. Logo depois da minha conversão comecei a invejar secretamente a generosidade de espírito, a oração profunda e os dons espirituais de outros na igreja. Foi uma inesquecível experiência de libertação quando, certo dia, em oração, meus olhos caíram sobre as palavras de João Batista: “O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada” (Jo 3:27).

Alguns de nós foram tão traumatizados pela vida que a mera sobrevivência, um dia de cada vez, é nossa única preocupação. Outros foram tão manchados pelas circunstâncias, marcados por deficiências físicas e emocionais ou contundidos e esmagados pelos caprichos da vida que mal são capazes de olhar além de suas próprias necessidades. Por exemplo, William Barry reflete sobre o homem de quem foi expulsa uma legião de demônios. Depois da cura, “quando Jesus entrava no barco, o homem que havia estado possuído por demônios implorou para ir com ele, e *Jesus não permitiu*, mas disse: ‘Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti’”. (Mc 5:18,19; grifo do autor). O homem aparentemente não deplorou essa “rejeição” como injusta. Ao contrário, “ele foi e começou a proclamar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiravam” (v. 20).<sup>3</sup>

Aparentemente esse homem não foi chamado a um discipulado radical. Mas foi chamado, como nós fomos chamados, a ouvir com atenção a primeira palavra de Deus para nós. Essa palavra é o dom de nós mesmos para nós mesmos — nossa existência, nossa natureza, nossa história pessoal, nossa singularidade, nossa identidade. Tudo o que temos e somos é um dos modos únicos, que jamais serão repetidos, de Deus expressar-se no espaço e no tempo. Cada um de nós, feito a sua imagem e semelhança, é mais

<sup>3</sup>*Finding God in all things*, p. 97,8.

uma promessa que ele faz ao universo de que continuará a amá-lo e importar-se com ele.

No entanto, mesmo quando a fé nos persuade de que somos uma palavra de Deus, permanecemos ignorantes do que Deus está tentando dizer através de nós. Thomas Merton escreveu: “Deus me profere como uma palavra que contém um pensamento parcial dele mesmo. Uma palavra nunca será capaz de compreender a voz que a profere. Mas se sou verdadeiro ao conceito que Deus profere em mim, se sou verdadeiro ao pensamento nele que existo para corporificar, estarei cheio da sua realidade e irei encontrá-lo em todo o lugar em mim, e a mim mesmo em lugar nenhum. Estarei perdido nele”.<sup>4</sup>

Com resistência e perseverança devemos aguardar que Deus torne claro o que ele quer dizer através de nós. Essa espera envolve paciência e atenção, bem como a coragem de deixar proferir. Essa coragem vem apenas pela fé em Deus, *que não profere palavra de falsidade*.

Uma das impressionantes lições da Bíblia é o livre uso que Deus faz de frágeis seres humanos a fim de executar o seu propósito. Ele nem sempre escolhe o santo e devoto, ou mesmo o emocionalmente estável. O venerável Liebermann, um poderoso missionário do século XIX, era um maníaco-depressivo que não conseguia atravessar uma ponte sem o desejo compulsivo de pular dela. “O Espírito Santo é portador de dádivas, e essas dádivas são às vezes dispensadas em lugares inesperados”.<sup>5</sup> Deus confere sua graça abundantemente, mas de modo irregular. Ele não oferece explicação para o mistério de que alguns são chamados a um discipulado radical e outros não.

Como somos todos mendigos privilegiados, mas não merecedores às portas da misericórdia de Deus, os que são chamados a um

<sup>4</sup>*Seeds of contemplation*, p. 62.

<sup>5</sup>Alan JONES, *Exploring spiritual direction*, p. 73,4.

discipulado radical não têm razão para vangloriar-se: “Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes” (1Co 1:27).

O dom do discipulado radical é pura graça aos que não têm nenhum direito a ele, pois os desejos mais profundos do nosso coração não estão sob o nosso controle. Não fosse assim, bastaria que escolhêssemos esses desejos e estaria resolvido. A coragem de viver como profeta e apaixonado está além do alcance humano. Sem a graça de Deus não podemos nem ao menos desejar Deus. Sem a graça divina não podemos viver de acordo com as palavras de Cristo. Toda a minha boa vontade e austera determinação não bastam para manter-me sóbrio. Em todas as salas de reuniões dos Alcoólicos Anônimos ao redor do país estão pendurados os dizeres: “Prosigo apenas pela graça de Deus”.

Esse tema é poderosamente ilustrado na novela *Franny e Zooey*, de J. D. Salinger. Bessie tem importunado seu filho Zooey para que providencie ajuda profissional à irmã, Franny. Zooey pondera com cuidado a questão. Ele finalmente diz: “Para um psicanalista fazer algum bem a Franny ele teria de ser um tipo bastante peculiar. Não sei. Teria de acreditar que foi pela graça de Deus que foi inspirado a estudar psicanálise em primeiro lugar. Teria de acreditar que foi pela graça de Deus que ele não foi atropelado por... por um caminhão antes de obter sua carteira de motorista. Teria de acreditar que é pela graça de Deus que tem inteligência inata para ajudar de forma significativa seus pacientes. Não conheço nenhum bom analista que pense nessas linhas. Mas esse é o único tipo de psicanalista que poderia fazer algum bem a Franny”.<sup>6</sup>

O que Jesus deseja ver em discípulos radicais é o que ele vê nas criancinhas: um espírito de receptividade puro e simples, completa

<sup>6</sup>P. 109. Citado em William BARRY, *Finding God in all things*, p. 98.

dependência e confiança total no poder, na misericórdia e na graça de Deus mediada pelo Espírito de Cristo. Ele disse: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5).

Da mesma forma que meu último livro, *O evangelho maltrapilho*, abordou o tema da graça radical, *A assinatura de Jesus* aborda o tema do discipulado radical. O discipulado é nossa resposta à graça. Qualquer que seja a medida de graça que tenhamos recebido, e qualquer que seja o grau de discipulado para o qual fomos chamados, todo cristão está debaixo da Cruz de Jesus Cristo, onde encontra salvação.

Por mais oculta e pouco dramática que seja o seu testemunho, oro para que você seja ousado o bastante para ser diferente, humilde o bastante para cometer erros, corajoso o bastante para queimar-se no fogo, e verdadeiro o bastante para ajudar os outros a verem que prosa não é poesia, discurso não é canção, e que tangíveis, visíveis e percíveis não são adequados para seres marcados com o sangue do Cordeiro.

Ora, disse o SENHOR a Abrão: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei”.  
 “De ti farei uma grande nação,  
 E te abençoarei,  
 e te engrandecerei o nome.  
 Sê tu uma bênção!  
 Abençoarei os que te abençoarem  
 e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem;  
 em ti serão benditas todas as famílias da terra.”

Partiu, pois, Abrão, como lho ordenara o SENHOR, e Ló foi com ele. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã. Levou Abrão consigo a Sarai, sua mulher, e a Ló, filho de seu irmão, e todos os bens que haviam adquirido, e as pessoas que lhes cresceram em Harã. Partiram para a terra de Canaã; e lá chegaram.

Atravessou Abrão a terra até Siquém, até ao carvalho de Moré. Nesse tempo os cananeus habitavam essa terra. Apareceu o Senhor a Abrão e lhe disse: “Darei à tua descendência esta terra”. Ali edificou Abrão um altar ao Senhor, que lhe aparecera.

Gênesis 12:1-7

## DE HARÃ A CANAÃ

**A**brão deixa Harã — “a tua terra, a tua parentela e a casa de teu pai” — e embarca numa jornada que nunca fez a uma terra que nunca viu. Ele se põe a caminho, não porque seja capaz de prever o papel que irá desempenhar na história da salvação, mas simplesmente por causa de sua experiência pessoal, a experiência espiritual de Deus falando com ele. Não há programa que ele possa detalhar; nenhuma percepção histórica em que ele possa apoiar sua decisão; nenhum modelo pelo qual ele possa obter uma identidade psicológica. A experiência espiritual tornou-se uma convocação: é Deus quem ordena. E o futuro é de Deus.

Deus irá, no tempo certo, mostrar-lhe a terra.

Deus o tornará pai de uma nação.

Apenas Deus fará de sua vida uma bênção para todos os miseráveis e desorientados filhos desta terra.

O que é decisivo neste momento para Abrão não é uma visão dos próximos vinte anos, mas uma qualidade de experiência religiosa, uma influência presente de Deus. Isso toca o coração da fé: crer num Deus pessoal que me chama e conduz. Abrão obedece ao chamado. Por enquanto o chamado basta. Tivesse ele exigido saber mais detalhes e aspectos práticos do plano estratégico,

teria demonstrado a antítese da fé, pois a fé jamais é baseada em seguranças humanas.

No Novo Testamento, Zacarias, que queria ter certeza, insistiu em alguma divina garantia antes de ceder à palavra de Deus (v. Lc 1:18). Isso não é fé.

A jornada do homem que viria a ser conhecido como Abraão é um paradigma de toda fé autêntica. Seu movimento é na direção da obscuridade, do indefinido, da ambigüidade, e não de um plano predeterminado e claramente delineado para o futuro. Cada determinação futura, cada passo seguinte, se manifesta apenas pelo discernimento da influência de Deus sobre o momento presente. “Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e *partiu sem saber aonde ia*” (Hb 11:8; grifo do autor). A realidade da vida requer que homens e mulheres cristãos abandonem o que é estabelecido, óbvio e seguro e adentrem o deserto sem nenhuma explicação racional que justifique suas decisões e lhes garantam o futuro. Por quê? Pura e simplesmente porque Deus sinaliza nessa direção e oferece-a com sua promessa.

É instrutivo lembrar que Abraão, antes de seu encontro com o único e verdadeiro Deus, tinha diversas crenças religiosas, como todos de sua tribo e da região de Harã (mesmo os ateus as possuem pois não crer em Deus é, por si mesmo, crença religiosa<sup>1</sup>). O que aconteceu a Abraão é que ele foi convocado por Deus dessas crenças religiosas para a fé — o que é um passo tremendo.

Para os cristãos contemporâneos existe uma diferença essencial entre fé e crença. Nossas crenças religiosas são a expressão visível da nossa fé, nosso compromisso com a pessoa de Jesus. Porém, se as crenças cristãs que herdamos de nossos pais e que fomos passadas pela tradição eclesiástica não estão fundamentadas

<sup>1</sup>Peter van BREEMEN, *Called by name*, p. 8.



numa abaladora e transformadora experiência de Jesus como Cristo, o abismo entre nossas declarações de crença e nossa experiência de fé se amplia e nosso testemunho de nada vale. O evangelho não irá persuadir a ninguém a não ser que nos tenha convencido de que somos transformados por ele.

Depois de dois mil anos de história da igreja, por que menos de um terço da população mundial é cristã? Por que é tão opaca a personalidade de tantos cristãos devotos? Por que Friedrich Nietzsche repreendeu os cristãos por “não aparentarem estarem salvos?” Por que é tão raro ouvirmos o que o velho advogado disse de John Vianney: “Algo extraordinário aconteceu-me hoje: vi Cristo num homem”? Por que nossos contagiantes entusiasmo, alegria e gratidão não infectam outros com o anseio por Cristo? Por que estão o fogo e o espírito de Pedro e Paulo tão claramente ausentes de nossa pálida existência?

Talvez porque poucos de nós tenham empreendido a jornada de fé cruzando o abismo entre o conhecimento e a experiência. Preferimos ler o mapa a visitar o lugar. O espectro muito verdadeiro da nossa incredulidade nos persuade de que não é a experiência que é real, mas nossa explicação da experiência. Nossas crenças — aquilo que William Blake chamava de “algemas forjadas pela mente” — nos distanciam do domínio da experiência pessoal.

Daniel Taylor escreve:

O mundo secular das idéias joga o jogo da dúvida quase que exclusivamente, e normalmente desdenha de que não o faz. Ironicamente, no entanto, a igreja também joga, até certo ponto, o mesmo jogo. O mistério do evangelho, o paradoxo da encarnação e o assombroso enigma da graça são congelados em sistemas altamente racionalizados e / ou autoritários de teologias, códigos, regras, prescrições, ordens e serviço e formas de governo eclesiástico. Tudo é colocado por escrito,

tudo é organizado, de modo que tudo possa estar definido e os transgressores possam ser detectados.<sup>2</sup>

O movimento de Harã para Canaã é a jornada de se cruzar esse abismo. Temos de passar definitivamente das crenças para a fé. Sim, somos chamados para crer em Jesus. Mas nossa crença nos convoca a algo maior, à *fé* nele. Fé que nos irá forçar a perseguir a mente de Cristo, a abraçar um estilo de vida de oração, altruísmo, bondade e envolvimento na construção do reino dele, não do nosso.

Quando chamou Abraão para abandonar a segurança do mundo que lhe era familiar, Deus pediu também que Abraão abandonasse suas crenças religiosas politeístas. Todos os seus conceitos anteriores a respeito de Deus ficaram para trás. O mesmo processo é necessário para nós. Quando nos encontramos com Deus revelado por e em Jesus Cristo, devemos revisar todo o nosso pensamento anterior a respeito dele. Na qualidade de revelador da Divindade, Jesus define Deus como amor. À luz dessa revelação devemos abandonar a estrutura cancerosa e a comida de vermes do legalismo, do moralismo e do perfeccionismo que corrompem a boa nova, fazendo dela um código ético ao invés de um caso de amor.

Jesus lancetou a infecção de uma crença religiosa que havia perdido sua alma e sequer se dera conta disso. Os fariseus haviam distorcido a imagem de Deus, apresentando-o como remoto contabilista que está constantemente espionando os pecadores (e que irá um dia nos pegar se nossas contas não estiverem em ordem). Os fariseus estavam tão ocupados refinando e desinfetando as fórmulas da religião, eram tão assíduos em estudar no que acreditavam, que esqueciam a realidade para a qual suas crenças

<sup>2</sup>*The myth of certainty*, p. 134.

apontavam. Havia crido por tanto tempo, mas sua fé estava entorpecida. Tinham esperado o Messias por tanto tempo que suas expectativas estavam embotadas.

E ainda assim, a despeito da condenação de Jesus à religião farisaica, o espírito de legalismo, “como a semente mais vil do Jardim recoberto de mato, tem florecido na treliça dos séculos”.<sup>3</sup> Muitos cristãos permanecem temerosos, pois apegam-se ainda à idéia de um Deus muito diferente da que foi pregada por Jesus. Permanecem em Harã com seu velho sistema de crenças intato. Crêem que podem salvar a si ficando quietos sem respirar, ou embarcando em jejuns, vigílias ou empreendimentos heróicos, esperando extrair à força a aprovação divina.

Veza após outra Jesus declarou que o medo é o inimigo da vida.

- Não temas, crê somente (Lc 8:50).
- Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino (Lc 12:32).
- Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais! (Mt 14:27).

O medo gera cautela letal, prevenção, espera estagnada, até que as pessoas não são mais capazes de lembrar o que estão esperando ou para que estão se salvando. Quando tememos o fracasso mais do que amamos a vida; quando somos dominados pelos pensamentos do que deveríamos ter sido ao invés de pelos pensamentos do que podemos nos tornar; quando somos assombrados pela disparidade entre nosso eu ideal e nosso verdadeiro eu; quando somos atormentados pela culpa, pela vergonha, pelo remorso e pela autocondenação, negamos nossa fé no Deus de amor. Deus nos chama a levantar acampamento, a abandonar o conforto e a

<sup>3</sup>Eugene KENNEDY, *The choice to be human: Jesus alive in Matthew's Gospel*, p. 211,2.

segurança do *status quo* e embarcar na perigosa liberdade da jornada rumo à nova Canaã. Mas quando adiamos por medo, isso representa não apenas uma decisão de permanecer em Harã, mas também falta de confiança.

Minha própria fé vacilante me levou a procrastinar com respeito ao chamado de Deus para casar-me com Roslyn. Adiei a decisão por três anos (coisa que foi, em si mesma, uma decisão), esperando que Deus se cansasse de esperar e que a voz interior da Verdade ficasse com laringite. Antes de abandonar o cenário familiar da vida franciscana eu queria que Deus esboçasse linhas definidas para que pudesse saber exatamente aonde estava indo. Naturalmente, a fé autêntica esquiva-se dessa certeza. Significa que não temos nada a que nos apegar. Temos sempre de deixar algo para trás e não olhar para trás (v. Lc 9:62). Se nós nos recusamos a avançar, insistindo em sinais e provas tangíveis, diminuimos nossa fé, e isso quer dizer incredulidade. Ironicamente, ao longo do processo inteiro minhas crenças religiosas se mantiveram firmes e inabaláveis.

O Deus de Abraão, que é o Deus e Pai de Jesus Cristo, não é uma ameaça. A certeza de que ele deseja que vivamos, crescamos e desabrochemos, e que experimentemos a plenitude de vida, é a premissa básica da fé autêntica. Ainda assim a minha relutância em fazer a oração de abandono de Charles de Foucauld — “Pai, faça o que quiser” — revela que estou ainda sob o domínio do ceticismo e do temor: *Deixar que Deus faça o que quiser comigo pode ameaçar minha saúde, minha reputação e minha segurança. Ele pode me dar um relógio Rolex e me enviar para a Tanzânia como missionário. Se ele ao menos me deixasse permanecer no templo do que me é familiar eu me confiaria a ele de todo o coração.*

A fé bíblica é uma atitude adquirida gradualmente ao longo de muitas crises e provações. Através do agonizante teste com seu filho Isaque (v. Gn 22:1-19) Abraão aprende que Deus quer

que vivamos e não morramos; que crescamos, e não murchemos. Ele sabe que o Deus que o chamou à esperança contra a esperança é digno de confiança. “Talvez seja essa a essência da fé: estar-se convencido da confiabilidade de Deus”.<sup>4</sup>

Louis Evely conta a história de uma velha senhora que lia a *Vida de Jesus* de Renan e muitos outros “breviários do ceticismo”. Ela declarou: “Simplesmente não posso acreditar que Jesus seja Deus. Se fosse ele teria me dado alguma prova, pois tenho desejado com sinceridade crer nele”. Ela não havia de forma alguma desejado crer; ela desejava *conhecer*, descobrir algum fato que satisfaria o seu intelecto. Mas a fé verdadeira não reside apenas no intelecto. A Verdade, que é Cristo não é algo puramente racional. Quando amamos alguém, mil argumentos não representam uma prova, nem mil objeções representam uma dúvida.<sup>5</sup>

Se há algo que aprendi na neblina crescente da meia-idade, é que a jornada de Harã para Canaã é pessoal. Cada um de nós traz consigo a responsabilidade de responder ao chamado de Cristo individualmente e de comprometer-se com ele pessoalmente. Creio de fato em Jesus ou nos pregadores, professores e na nuvem de testemunhas que falaram-me *a respeito* dele? O Cristo da minha crença é realmente meu ou aquele dos teólogos, pastores, pais e Oswald Chambers? Ninguém — pais, amigos ou igreja — pode absolver-nos da decisão última e pessoal a respeito da natureza e identidade do filho de Maria e José. Sua pergunta a Pedro, *quem dizeis que eu sou?*, é dirigida a cada candidato a discípulo.

Tomemos algum tempo para refletir na credibilidade daquele que nos chama. Ele me pede para arriscar tudo na sua alegação de que ele é o caminho, a verdade e a vida. Ao contrário de Buda, Maomé e dos fundadores de outras grandes religiões mundiais,

<sup>4</sup>Peter van BREEMEN, *Called by name*, p. 16.

<sup>5</sup>*That man is you*, p. 114.

ele me convida não apenas a crer nos seus ensinamentos, mas a colocar toda a minha fé nele. Quem é esse carpinteiro de Nazaré que ousa exigir entrega total a ele mesmo?

Sua árvore genealógica está longe de ser impressionante. Na genealogia de Jesus, filho de Davi e filho de Abraão, registrada por Mateus, inclui o nome de algumas mulheres de reputação duvidosa: Tamar, nora de Judá, disfarçou-se de prostituta a fim de ficar grávida dele (v. Gn 38:12-30); Raabe é a famosa prostituta de Jericó (v. Js 2:1); e Bate-Seba, que deu à luz um filho depois de um ato de adultério com o rei Davi, que, quando não conseguiu esconder sua própria paternidade, assassinou o marido dela, Urias (v. 2Sm 11).

Obviamente, Deus não elege necessariamente os que têm um *pedigree* irrepreensível para fazer sua obra neste mundo.<sup>6</sup> Em seu livro *Toxic faith: understanding and overcoming religious addiction*, Steve Arterburn e Jack Felton listam 21 crenças de fé tóxica. “Deus usa apenas gigantes espirituais” e possuem proeminência na lista:

Muitos deixam de receber a bênção de ministrar aos outros por causa da crença que Deus usa apenas os perfeitos ou quase perfeitos... Na minha vida, bem como na Escritura, nunca vi nada mais longe da verdade. Deus com frequência usa os que têm as maiores falhas, ou que passaram por muita dor, para realizar tarefas vitais no seu reino... Ninguém está arrebitado demais para ser usado por Deus.<sup>7</sup>

De fato: a genealogia de Jesus não inspira confiança messiânica. O que dizer do seu nascimento? Obscuro? Sim, absoluta e notavelmente obscuro. As circunstâncias da sua concepção, para não

<sup>6</sup>James MACKEY, *Jesus: the man and the myth*, p. 274,5. Aqui me baseei expressivamente no cuidadoso estudo de Mackey para o tratamento da genealogia de Jesus.

<sup>7</sup>P. 72,3.

dizer muito, são constrangedoras (“Bem, tente imaginar-se tentando dizer a alguém que o seu filho, que eles sabem ter nascido sete meses depois do seu casamento, e que eles consideram com motivos ser uma ameaça para a lei e ordem tanto civil quanto eclesiástica, foi concebido pelo Espírito Santo!”<sup>8</sup>).

Trinta anos depois esse camponês galileu relativamente sem instrução vai ao rio Jordão para ser batizado por João para o perdão dos pecados. Sua carreira é lançada. Ele não se torna nem homem de estado nem economista, nem general nem autor de renome, embora fosse certamente contador de histórias e tivesse algo de poeta. Enquanto perambulava pelo interior do país, sua família decidiu que ele precisava ser colocado sob custódia preventiva (v. Mc 3:21). Os líderes religiosos do seu tempo suspeitavam de possessão demoníaca (v. Mc 3:22), e observadores usavam nomes nada lisonjeiros para referir-se a ele. Finalmente ele foi executado como herege, blasfemador, falso profeta e instigador do povo depois do devido julgamento diante dos tribunais supremos do país.

*Esse é o Filho de Deus? É esse o homem que me chama para dedicar a ele toda minha vida? O homem que me diz que a vida não tem significado fora dele?*

Que a fonte da nossa fé possa achar-se num homem de nascimento obscuro (e portanto vulnerável a suspeita) e que morreu a morte de um criminoso; que a substância da nossa fé deva consistir na convicção de que foras-da-lei, pecadores e criminosos possam dizer “Abba”, a Deus; que prostitutas possam entrar no reino de Deus antes dos “religiosamente respeitáveis” — não se trata de uma visão de fé permeável à especulação ou ao bom senso.

A mera leitura da Bíblia não é capaz por si mesma de produzir o comprometimento da fé cristã. Nem as crenças dos meus pais,

<sup>8</sup>James MACKAY, *Jesus: the man and the myth*, p. 278.

professores ou da igreja, nem o testemunho de amigos, nem culto ou credo, nem código nem instituição, nem livros como este ou mil sermões de Billy Graham, Tony Campolo e Chuck Swindoll podem, por si mesmos, produzir o comprometimento da fé cristã.

*A possibilidade de qualquer pessoa reconhecer na frágil humanidade de Jesus a plenitude do poder de Deus para salvar vem apenas de uma intervenção miraculosa de Deus.* “A fé radical não é um êxito pessoal, pois se fosse bastava que tivéssemos a força de vontade necessária e estaria feito. Ao contrário, é um presente, e a nós cabe reagir correspondentemente, vigiar e orar”.<sup>9</sup> Escrevendo aos coríntios, Paulo reconhece que o Espírito, entregue por Jesus, torna possível o ato mais básico da vida cristã: “Ninguém pode dizer: ‘Senhor Jesus!’, se não pelo Espírito Santo” (2Co 12:3).

A fé que Jesus inspirava em seus discípulos tinha impacto tão profundo neles que achavam impossível crer que qualquer outro pudesse se igualar a ele ou suplantá-lo: nem mesmo Moisés ou Elias, nem mesmo Abraão. Que um profeta ou juiz ou Messias pudesse vir depois de Jesus e ser maior do que Jesus era inconcebível. Não era necessário esperar por mais ninguém. Jesus era tudo. Jesus era tudo o que os judeus haviam esperado eorado. Jesus cumprira, ou estava prestes a cumprir, toda promessa e toda profecia. Se alguém deve julgar o mundo no final, deve ser ele. Se alguém deve ser apontado como Messias, Rei, Senhor, Filho de Deus, como poderia ser outro que não Jesus?

“Jesus foi experimentado como o momento revolucionário na história da humanidade. Ele transcendeu tudo o que fora dito e feito anteriormente. Ele era, em todos os sentidos, o definitivo, a última palavra. Seu Espírito era o Espírito de Deus. Seus sentimentos eram os sentimentos de Deus. O que

<sup>9</sup>Walter BRUEGGEMANN, *The prophetic imagination*, p. 112.



ele defendia e representava era exatamente o mesmo que Deus defendia e representava. Nenhuma avaliação mais elevada era possível.”<sup>10</sup>

Era essa a experiência dos seguidores de Jesus. A fé cristã contemporânea ressoa com a avaliação da igreja primitiva. Num sentido muito real, Jesus é nossa fé. Como escrevi em outro lugar: “não somos agentes de viagem entregando folhetos turísticos de lugares que nunca visitamos”. Somos exploradores de fé de um país sem fronteiras, país que descobrimos, pouco a pouco, não ser um lugar, mas uma pessoa. Nossa fé inclui nossas crenças, mas também as transcende, pois a realidade de Jesus Cristo nunca pode ser confinada dentro de formulações doutrinárias.

A pergunta, portanto, não é mais: *Jesus de fato é semelhante a Deus?*, mas: *Deus de fato é semelhante a Jesus?* Esse é o sentido tradicional da declaração de que Jesus é a Palavra de Deus. “Não é Deus que nos revela Jesus, é Jesus que nos revela Deus”.<sup>11</sup> Não podemos deduzir nada sobre Jesus do que pensamos que sabemos a respeito de Deus; devemos deduzir tudo a respeito de Deus do que sabemos sobre Jesus.

Como aconteceu com Abraão, as imagens anteriores que tínhamos de Deus ficam para trás.



A dádiva da minha fé em Jesus não depende ou se apóia em nenhum poder externo a minha experiência da graça de Deus. Quando as crenças substituem a verdadeira experiência; quando não mais *conhecemos*, mas passamos a nos apoiar na autoridade de

<sup>10</sup>Albert NOLAN, *Jesus before Christianity*, p. 136.

<sup>11</sup>Ibid., p. 137.

livros, instituições ou líderes; quando deixamos a religião se interpor entre nós e a experiência primária de Jesus como Cristo, perdemos a realidade que a própria religião descreve como última.

A propósito, aqui jaz a origem de todas as guerras religiosas, bem como do preconceito, da intolerância e da divisão dentro do corpo de Cristo. Nada representou fracasso maior para o cristianismo do que as Cruzadas. É atordoante o número de batalhas alegadamente lutadas sobre a natureza da “verdadeira” fé. Conflitos de crenças estão por trás do terrorismo que aparece diariamente nas manchetes, “e a intimidação que é exercida, de forma mais anônima, mas com o mesmo sentimento de superioridade moral, para converter pessoas comuns a práticas e seitas que alegam ter a combinação secreta da caixa-forte do favor de Deus”.<sup>12</sup>

Depois de 22 anos vivendo uma fé de segunda mão, em 8 de fevereiro de 1956 encontrei Jesus e me transferei de Harã para Canaã — da crença à fé. Era meio-dia. O sino Angelus do isolado monastério carmelita soava na distância. Eu estava ajoelhado numa pequena capela em Loretto, Pensilvânia. Às quinze horas ergui-me, tremendo do chão, sabendo que a maior aventura da minha vida havia apenas começado. Entrei numa nova perspectiva acuradamente descrita por Paulo em Colossenses 3:11: “Cristo é tudo, e em todos”.

Durante aquelas três horas de joelhos, senti-me como um menininho ajoelhado na beira da praia. Pequenas ondas lambiam e batiam contra meus joelhos. Lentamente as ondas foram ficando maiores e mais fortes, até chegarem na altura do peito. De repente uma onda enorme, com força de concussão, derrubou-me e arrebatou-me da praia: eu cambaleava no ar, arqueando pelo espaço, vagamente consciente de que

<sup>12</sup>Eugene KENNEDY, *The choice to be human*, p. 213,4.

estava sendo carregado a um lugar em que nunca havia estado antes — o coração de Jesus Cristo...

Nessa experiência, então inédita na minha vida, de ser incondicionalmente amado, movia-me para a frente e para trás entre o êxtase e o temor... O momento persistiu continuamente num *agora* fora do tempo até que, sem aviso, uma mão agarrou meu coração. Eu mal podia respirar. A consciência de ser amado não era mais gentil, terna e confortável. O amor de Cristo, o crucificado Filho de Deus, assumiu a selvageria, a fúria e a paixão de uma repentina tempestade de verão. *Jesus morreu na Cruz por mim!*

Eu o havia sabido antes, mas do modo que John Henry Newman descreve como “conhecimento conceitual” — abstrato, distante, em grande parte irrelevante para os assuntos mais viscerais da vida: apenas mais uma quinquilharia na casa de penhores das crenças doutrinárias. Mas num único e cegante momento de verdade salvífica aquele era o conhecimento *real* chamando-me para um compromisso de mente e coração. O cristianismo era ser amado e apaixonar-se por Jesus Cristo. Mais tarde as palavras da primeira carta de Pedro iluminariam e legitimariam minha experiência: “A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma” (1:8,9).

Finalmente, esgotado, sentindo-me débil e perdido numa humildade sem palavras, eu estava de volta ajoelhado na praia, com ondas serenas e calmas abraçando-me como uma maré gentil que me saturava a mente e o coração numa tranqüila condição de adoração profunda.<sup>13</sup>

<sup>13</sup>Brennan MANNING, *Lion and lamb: the relentless tenderness of Jesus*, p. 33,4.

Naquele dia eu conheci o amor e o poder de Deus — a essência da fé cristã. Devemos conhecer o amor e o poder de Deus com um conhecimento maior do que o nosso próprio conhecimento porque eles estão além da capacidade do mero conhecimento humano. Devemos conhecê-los com a mente do próprio Cristo. Esse é o encontro redentor cristão básico. É o movimento da crença à experiência via a ponte da fé.

A fim de nos comprometermos com um discipulado radical, a fim de vivermos com a assinatura de Jesus escrita nas páginas de nossa vida, precisamos da força e do encorajamento de outros cristãos. Porém nossa necessidade mais profunda é pelo inesgotável poder do amor de Cristo. O milagre do cristianismo é que essa necessidade já está satisfeita. Através de uma vida séria de oração tornamo-nos cômicos de que já temos o que buscamos. Pela fé chegamos à consciência do que já está de fato lá (falarei sobre isso mais adiante). O poder reside dentro de nós, excedendo de tal forma nossa necessidade que o contato consciente com ele nos arrebatava para fora de nós mesmos, além de qualquer coisa que tenhamos imaginado ou desejado, para dentro da realidade que é Cristo.

Recentemente foi-me dada a cópia de uma nota encontrada no escritório de um jovem pastor do Zimbábwe, na África, depois de seu martírio pela fé em Cristo. Cito essa carta textualmente:

Sou parte da fraternidade dos que não se envergonham. Tenho o poder do Espírito Santo. A sorte foi lançada. Ultrapassei a linha. A decisão foi feita — sou discípulo dele. Não olharei para trás, não darei trégua, não diminuirei o ritmo, não retrocederei e não ficarei parado. Meu passado está redimido, meu presente faz sentido, meu futuro está assegurado. Não agüento mais essa vida medíocre, andar por vista, joelhos macios, sonhos sem cor, visões amansadas, conversa mundana, doação barata e alvos minimizados.

Não mais preciso de proeminência, prosperidade, posição, promoções, aplausos ou popularidade. Não tenho que estar certo, ser o primeiro, o maioral, reconhecido, louvado, querido ou premiado. Vivo agora pela fé, reclino-me na sua presença, ando por paciência, sou elevado pela oração e obro com poder.

Meu rosto está decidido, minha marcha é acelerada, meu alvo é o céu, meu caminho é estreito, minha estrada acidentada, meus companheiros poucos, meu Guia confiável, minha missão clara. Não posso ser comprado, dissuadido, desviado, seduzido, mudado de rumo, iludido ou atrasado. Não recuarei diante do sacrifício, não hesitarei na presença do inimigo, não me entregarei aos valores da popularidade e não perambularei no labirinto da mediocridade.

Não desistirei, não me calarei e não darei trégua até que tenha permanecido, acumulado, orado, pago à vista e pregado à última medida por causa de Cristo. Sou discípulo de Jesus. Devo ir até que ele venha, doar-me até esgotar-me as forças, pregar tudo o que sei, e trabalhar até que ele me pare. E, quando ele vier por si mesmo, não terá problema em me reconhecer... minha bandeira estará clara.

Talvez a única medida honesta da fé autêntica seja a prontidão para o martírio. Não apenas a minha disposição de morrer por Jesus Cristo e pelo evangelho, mas de viver por ele um dia de cada vez.

A Cruz é a assinatura permanente do Cristo ressurreto. O estilo de vida assinado por ela requer uma fé desprovida de emocionalismo, êxtases e visões. “Andamos por fé e não pelo que vemos” (2Co 5:7). Enquanto a fé é dom de Deus, ela nos conclama a um severo esforço de nossa parte, se for para dar fruto. O eremita contemporâneo Carlo Caretto escreve: “Deus nos dá o bote e os remos,

mas então nos diz: ‘remar é com você’. Realizar atos positivos de fé é como treinar essa faculdade; ela é desenvolvida pelo treino, da mesma forma que os músculos são desenvolvidos pelos ginastas”.

Este livro não é uma pastoral delicada, nem uma série de meditações bem-comportadas para gente devota. É um livro sobre sermos heróis e heroínas por causa de Jesus Cristo — por causa de ninguém menos do que Cristo, e de tal forma que apenas os olhos de Jesus precisem ver. É um chamado para uma fé autêntica e um discipulado radical, à pureza do evangelho, à estrada principal para o Calvário e ao escândalo da Cruz, a uma vida de liberdade sob a assinatura de Jesus.

Em última análise, a fé não é a soma de nossas crenças, ou um modo de falar, ou um modo de pensar; é um modo de viver e pode ser articulado adequadamente apenas numa prática de vivência. Reconhecer Jesus como Salvador e Senhor é significativo à medida que tentamos viver como ele viveu e ordenar nossa vida de acordo com os valores dele. Não precisamos teorizar a respeito de Jesus; precisamos fazê-lo presente no nosso tempo, na nossa cultura, nas nossas circunstâncias. Apenas a verdadeira prática da fé cristã pode legitimizar o que cremos. Como gostava de dizer o filósofo francês Maurice Blondel: “Se você quer realmente entender em que um homem acredita, não ouça o que ele diz, mas observe o que ele faz”.

Uma sugestão simples: a cada página virada deste livro, susurre as palavras: “Senhor, aumente a minha fé”.